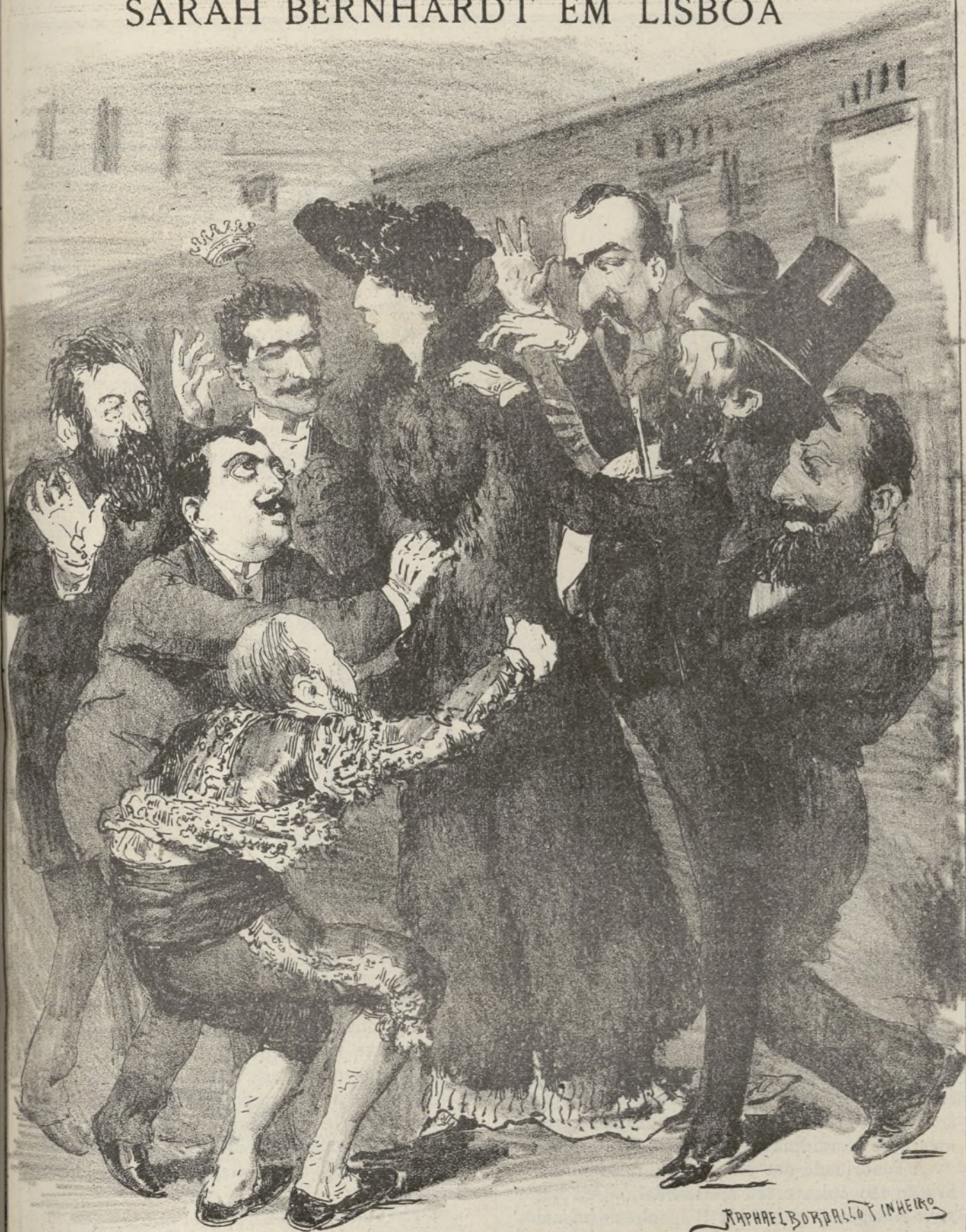


SARAH BERNHARDT EM LISBOA



SETE CÃES A UM OSSO

SARAH BERNHARDT



Foi em 1878 que nós a contemplamos pela primeira vez na Comedie Française.

Representava-se o *Hernani*, que annos antes viramos interpretado por Madame Favart, por Bressant e por Delonay.

O desempenho geral da peça decahira consideravelmente. Comparado com Bressant—cuja figura activa de um grande porte soberbo e magnanimo o fazia tomar por um verdadeiro Carlos V, favorecido no physico pelo pincel de Velasquez e enobrecido na alma pela musa de Victor Hugo—, o snr Worms com o seu pequeno nariz arrebitado, de stylo familiar, e a sua expressão mansa, de louro, parecia um simples jockey mal desfarçado no traje hispanhol de um fidalgo da Renascença. O snr Mounet Sully com uma consideravel espherecidade de bacia, mais sabiamente constituido pela natureza para mãe de familia do que para salteador, percorria a scena em passinhos curtos, com os joelhos reentrantes, semelhando uma *soubrette* vestida phantasistamente de bandidinho de leque.

A sonoridade dos versos d'Hugo de uma vibração tão epica e tão meridional, o seu largo stylo fidalgo, de grande de Hispanha de primeira classe, empenachado de plumas e calçado em esporas d'ouro, fazia contraste, e tornava ainda

mais arrebitado o narisinho sem cerimonia do snr Worms e o passinho de mulher gorda do snr Mounet Sully.

Julgavamos assistir a uma parodia d'epopeia, quando Sarah appareceu.

Um calafrio nervoso atravessou-nos a medula; sentimo-nos empallidecer; arrefeceram-nos as mãos, e todo o sangue nos refluio ao coração.

Essa grande magra, de uma figura tão atrevidamente original, tão extranha e ao mesmo tempo tão humana como se acabasse de sahir viva da imaginação de Shakspeare ou de Balzac, trazia em si a alma da tragedia moderna.



Os seus grandes olhos garços tinham reflexos cambiantes como o azul da onda nas aguas do Mediterraneo, umas vezes luminosos, dōces, humidos de ternura, outras vezes apagados e mortos, ou fixos, rigidos e ardentes como os de um tigre.

A voz admiravelmente modulada dobrava-se-lhe a todas as expressões musicas da palavra; suave como um murmurio d'agua correndo ao luar por entre nenuphars em flôr, transmuda-se de repente, vibra imperativa como um som de clarim em batalha, impregnada d'odio, d'amor ou de despreso, suspirada, rugida, cantada, escorrendo fel, gottejando orvalho, pou-sando beijos.

O seu andar tinha o que quer que fosse de ondulado, vago e leve, como se não precisasse para caminhar de tocar no chão e se movesse no ether como uma sereia n'um lago.

Em todos os seus gestos parecia latente essa palpação dramatica a que alludia Vallès dizendo que com um simples movimento do pé para affastar a cauda do vestido ella faz uma pisadura na carne e como um furo no coração.

Os contrastes da sua personalidade, a sua grande força nervosa e a sua grande debilidade physica, desde a frieza morta da sua bocca de marmore até á sensualidade carnal da sua orelha polpuda e sanguinea, tudo n'ella denunciava a encarnação mais perfeita da grande nevrose do nosso seculo de sensibilidade e de lucta, uma natureza artistica sobre todas privilegiada para comprehender todas as commoções da alma moderna, um fino temperamento de diamante, pedra resplandesciente e immaculada, de um brilho sagrado, refractaria a todas as nodoas e a todos os attritos, capaz de revolver todos os esplendores e todas as immundicies, o que ha de mais bello e o que ha de mais torpe, sem que coisa alguma a contamine a perverta ou a diminua.

Sarah Bernhardt tinha a esse tempo uma legenda de irregularidade magnifica.

Era a celebridade mais discutida e mais contestada de Paris. Em torno do seu nome havia por toda a parte um ruido enorme de indiscrições, de anedoctas, de calumnias. Ella recebia em cada manhã centenaes de cartas de amor, de descompostura, de empenho, cartas de principes de sangue, de poetas de raça, de pobres de pedir, de cavalheiros d'industria e de garotos. Dizia-se que na sua alcova de veludo preto constellada de lentejoulas d'ouro havia um esqui-fe em que ella dormia estirada, como a estatua tumular de uma monja da idade media, tendo aos pés deitado o seu galgo e á cabeceira um esqueleto hirto, de mão estendida sobre a cabeça d'ella, allumiado do tecto pela luz de um lampadario gothico, de antiga cathedral.



FACSIMILE DE UM CROQUIS DE
SARAH BERNHARDT

Contava-se que entre ella e os seus consocios da companhia do Theatro-Francez havia constantes conflictos provocados pela sua natureza inconstante, inquieta, caprichosa, e revoltada.



O theatro só não bastava para emprego da sua febril e estuosa actividade creadora. No *salon* d'esse mesmo anno estavam expostas algumas das suas esculpturas, entre as quaes um magistral busto em bronze de Emile de Girardin. As seis horas da manhã vamol-a atravessar o Bois de Boulogne, sofrendo um cavallo a galope, com um ramo de rosas mettido no peito fazendo ranger a sella sob a pressão dos seus finos musculos, a boca entreaberta, as narinas frementes, o laço do veu palpitante á viração da manhã. De tarde subia ao ar no balão do Louvre.

Pintava e escrevia, e, durante umas poucas de horas por dia, no seu atelier de esculptura vestida de homem, em flanela branca, de collarinho Henry IV e punhos de renda arregaçados, amassava e contornava o barro humido, pesado e pegajoso.

Amava? A arte de certo que sim; o amor talvez; o homem cuidavamos então que não.

Julgavamol-a demasiadamente namorada do ideal para poder convictamente acceitar a chama de qualquer cavalheiro particular a outro titulo que não fosse o de pura curiosidade, o de mera experiencia de pirotechnia psychologica.

A PRIMEIRA RENO GYMNASIO



Para nós ella era a actriz e a esculptora; a personificação gloriosa da arte, essencialmente creadora, refractaria á obediencia, á ordem, á passividade das paixões submissas e dos affectos receptivos, de amante ou de esposa.

Casada, com Hernani! Apaixonada, por Ruy Blas! Não lhe suppunhamos outras ligações de coração.

A excentricidade violenta e a rebeldia petulante e escandalosa da sua natureza dava-lhe como artista a noção de effeitos completamente novos e imprevisos, fazendo-a beliscar no fundo do nosso coração cordas até então virgens e intactas das caricias da arte.

D'essa primeira noite em que a vimos guardamos uma impressão profunda e indelevel, a lembrança de uma commoção nova, uma nobre e sagrada ponte de febre, que nos não deixou pegar no somno até o outro dia e pela qual aproveitamos esta occasião de nos confessarmos agradecidos áquella que nol-a deu.

* * *

Agora Sarah Bernhardt apparece-nos em Lisboa a representar no theatro do Gymnasio a preços de excepção para uso dos capitalistas da baixa e dos janotas ricos da porta da Casa Havaneza.

Deixou de ser uma discutida. Passou a ser consagrada.

Os burguezes acclamam-a como se ella fosse uma gloriad'elles, tal como o snr Antonio de Serpa, o snr Mendes Leal, o baritono Lisboa ou o snr Justino Soares. Deixou de ser a musa dos dissidentes e dos revolucionarios. Um jornal noticiou que o mesmo snr Cócó a iria esperar em trem do municipio á gare de Santa Apollonia. O snr duque de Palmella convida-a para uma *matinée* em sua casa e o snr conde d'Almedina vae offerecer-lhe um baile. A *Chronica Musical* ha de consagrar-lhe uma mazurca. A senhora Cecilia Fernandes darão nome d'ella a um dos seus chapéus. A senhora D. Guiomar Torresão, ligando-se-lhe pelos laços da confraternidade artistica e litteraria ficará a cartear-se com ella no futuro. O snr Fontes Pereira de Mello em nome dos poderes constituidos applaudil-a-ha do seu camarote com todo o entusiasmo compativel com a gravidade das circumstancias e com o decoro da governação. E o snr engenheiro Paes, depois de ter achado lá para o fim do seculo o lugar em que definitivamente tem de ser collocado o edificio do Correio Geral, passará nos seus estudos subsequentes a determinar o lugar em que se ha de pôr esta artista no pantheon da posteridade.

Dir-nos-hão talvez que ella não tem culpa das admirações, tão lastimosamente geraes, que provoca. Bem se sabe que não tem culpa. O snr Perivier tambem não teve culpa nenhuma do desastre que lhe succedeu no conflicto com o snr Lessueur. E todavia não seríamos nós que quereíamos almoçar com o snr Perivier n'esse dia, assim como tambem não queremos ir esta noite applaudir a senhora Sarah Bernhardt. Fatalidades!

A ex-mademoiselle Sarah Bernhardt é hoje madame Damala. Legitima mulher d'um sympathico actor grego, *d'un jeune premier helenico*, sua excellencia regularisou a sua existencia na dignidade burgueza, conquistou o direito ás convivencias e ás visitas de todas as senhoras serias e de todos os homens tementes a Deus desde os snrs marqueses de Penalva e de Vallada até aos snrs encommendados da Sé; mas ao mesmo tempo divorciou do publico de que nós somos uma humilde parte.

Este casamento real, a serio, da Dama das Camélias com Armand Duval scandalisa-nos como uma mistificação de que fomos victimas.

Nós julgavamos que Margarida morria na scena unicamente d'aquelle *amor divino* do qual nos diz Musset que morreu a Malibran.

Se não é pela arte mas sim pelo proprio snr Armand em pessoa que ella morre, então o caso muda de figura. Nós congratulámo-nos, mas pedimos licença para deixar d'applaudir.

Se os illustres conjuges justapõem o seu amor na scena com a sua lua de mel em casa, a festa então torna-se dupla, e nós retiramo-nos por descreção.

Receamos ser ainda uma vez obrigados a admirar e lisongear-nos mediocrementemente ter de accender a vela do nosso entusiasmo e mettel-a no nosso coração como n'um castiçal para allumiar um idyllio que se prolonga da fixação até á realidade e não termina precisamente no mesmo momento em que cae o panno.



SARAH BERNHARDT

Dizem no Gymnasio que ella cahiu aqui como uma bomba.

A nós parece-nos antes que ella cahiu aqui como uma agulha n'um palheiro.

Depois da Empreza do Gymnasio e das casas de Penhores quem está jubilando mais com a presença de Sarah Bernhardt é a Rhetorica Nacional, porque a illustre estrangeira vem co-honestar com a sua magresa alguns velhos tropos que cahiam de cansaço e de descredito ao longo da nossa oratoria; taes como:



O estado pavoroso do nosso thesouro, snr presidente!



O fio da discussão.



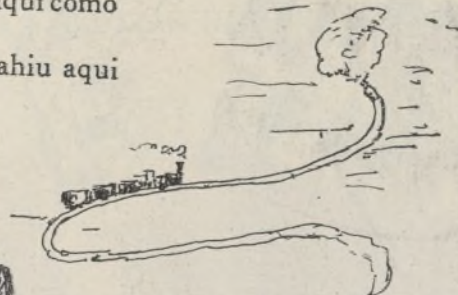
A faísca do genio.



A cauda da hydra decepada pelo snr Arrobas.

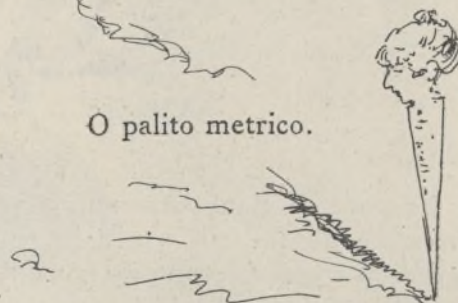


MARQUEL BORDALLO PINHEIRO



A linha de Torres.

O palito metrico.



O cirio da Atalaia.

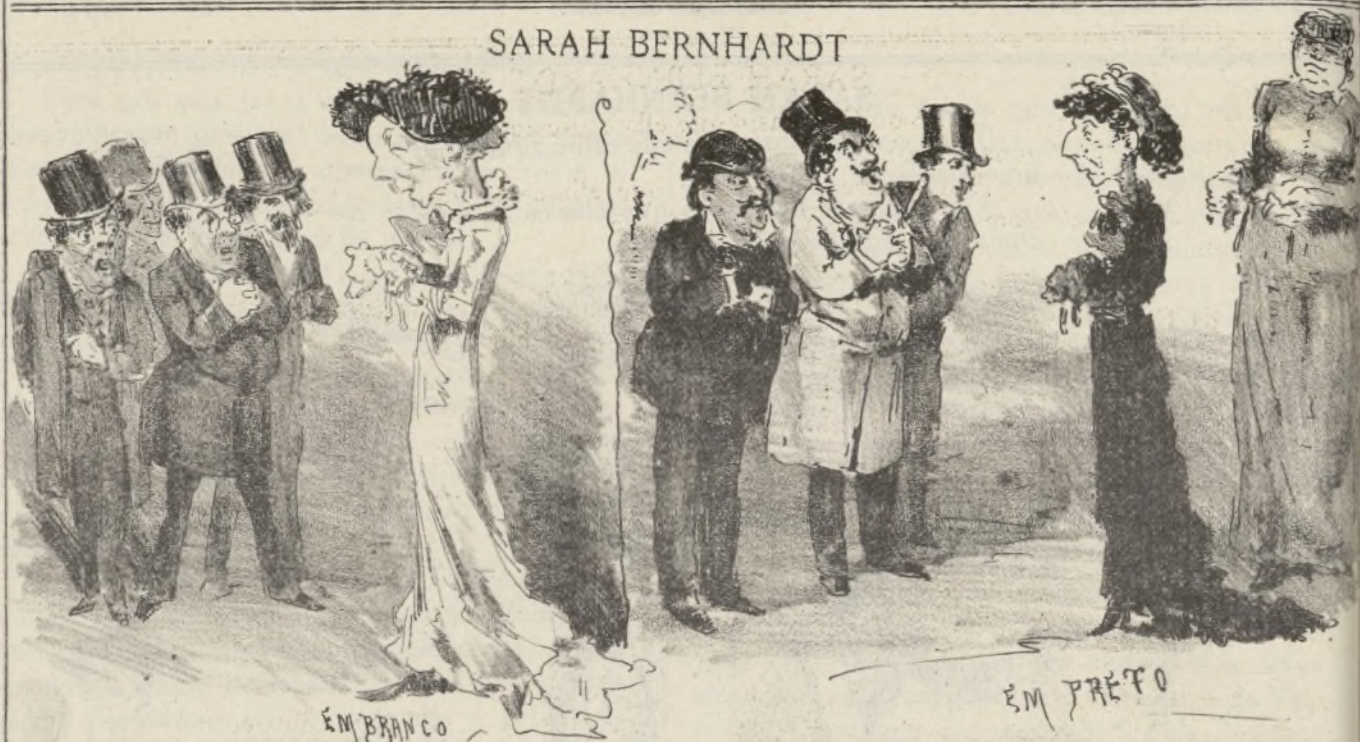


A corda da lyra.



A vara da justiça.

SARAH BERNHARDT



Na gare de Santa Apolonia alguns admiradores, vendo que ella não dava pelo nome de Bernarda e que só dava pelo nome de Anselmo, tiveram um momento d'horror.

Procurando melhor encontraram outra que também não dava por Bernarda mas sim por Moretti.



RAPHUEL BORDALLO PINHEIRO

Segue-a o sr Mathias Lopes com o intuito de a confrontar com a senhora D. Guiomar Torresão fazendo ver aos povos por esse meio o que é o talento da mulher ANTES DE TOMAR CHOCOLATE e DEPOIS DE TOMAR CHOCOLATE.

— «Unico negocio que me fugiu!
Vou dar-lhe um fogo preso.